

A história das figueiras ou gameleiras

Adriana Brügger Alves¹, Jorge Pedro Pereira Carauta², Angelo da Cunha Pinto¹

¹. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Química

Centro de Tecnologia, Bloco A, Cidade Universitária
21945-970, Rio de Janeiro, RJ

². FEEMA, estrada de Vista Chinesa, 741
Alto da Boa Vista, 20531-000 Rio de Janeiro, RJ



As figueiras são árvores pertencentes à família Moraceae e se caracterizam pela beleza que irradiam e pela sombra que propiciam. Talvez essas plantas estejam entre as primeiras cultivadas pelo homem. Desde a antigüidade as figueiras fizeram parte da alimentação da humanidade, principalmente *Ficus carica*, sendo as folhas utilizadas na medicina popular. Ao longo do tempo, pelas mãos de viajantes, naturalistas, comerciantes e aventureiros as figueiras foram se dispersando por todo o mundo.

A história das figueiras remonta a um passado distante. Segundo a tradição, os gêmeos Rômulo e Remo foram encontrados embaixo de uma figueira selvagem, em homenagem à deusa Rumina, da fertilidade. Os gêmeos foram amamentados por uma loba depois de terem sido lançados num cesto no rio Tibre. A cidade de Roma tem seu nome em

homenagem a Rômulo, que foi seu primeiro rei.

O *Ficus* pode ser encontrado em muitos episódios da mitologia grega. Conta-se que um gigante de nome Sycoeo foi transformado por Réia numa figueira, quando era perseguido por Júpiter. Daí o *Ficus sycomorus* L. ser também conhecido pelo nome de sicômoro, do grego sycon (figo) e do latim morus (amoreira).

Ficus sycomorus, também chamada figueira dos faraós, é uma árvore de grande porte e fornecedora de boa madeira, originária do sul da África, muito comum no vale do Nilo. Os antigos egípcios a usaram na construção de sarcófagos para confinamento de múmias.

O figo era tão apreciado na antiga Grécia como alimento, que uma ninfa grega era chamada Syke (figo), pela qual o deus Baco se apaixonou. Nas festas de Baco, daí o nome bacanal, era indispensável o falo do grego (phallós), órgão masculino que simboliza a fecundidade, que era feito a partir do lenho de figueira.



Figura 1 - Pintura do jardim do Egito antigo Karen P. Foster (1999). Extraído de Scientific American, 48-55.

Na pintura acima, de cerca de 1400 a.C., é representado um elegante jardim do Egito antigo. Entre outras representações pode-se observar o desenho de duas figueiras e de três palmeiras.

A primeira descrição de uma figueira no Brasil foi feita em 1648 por Marcgrave, naturalista da Escola de Leiden e um dos autores da obra “Historia Naturalis Brasiliae”, patrocinada pelo conde Maurício de Nassau, governador das possessões holandesas no Brasil. Na segunda metade do século XVIII, os naturalistas e botânicos Müller, Linnaeus e Vahl descreveram as primeiras espécies de figueiras brasileiras. O gênero *Ficus*, o mais importante da família Moraceae, foi descrito em 1753 por Linnaeus. Existem cerca de 1000 espécies de *Ficus*, das quais mais da metade cresce no Velho Mundo.

Muitas controvérsias taxonômicas permanecem, até os dias de hoje, na família Moraceae. No Brasil, Frei José Mariano da Conceição estudou intensamente o gênero *Ficus*, dedicando-lhe muito espaço na “Flora Fluminensis”, sua obra botânica de maior importância.

Saint Hilaire, notável naturalista francês, cujas viagens por território brasileiro durante o século XIX resultaram em importante obra, traduzida para várias línguas, fez interessantes observações de natureza conservacionista. Depois de visitar Minas Gerais registrou “de distância em distância plantaram-se à margem da estrada algumas dessas figueiras selvagens conhecidas no país pelo nome de gameleiras. Essas árvores pegam de estaca; um simples galho espetado ...”

As figueiras são árvores frondosas com copas imensas que proporcionam sombra a homens e animais em dias ensolarados. De caule estrutural, muitas vezes exóticos, estas árvores estão presentes compondo a paisagem de parques e jardins. Na Índia ergue-se majestosa a árvore de maior copa de todo o planeta. Trata-se da *Ficus benghalensis*, uma imensa árvore de mais de 2 séculos de existência, cuja copa atinge 330 metros de circunferência.

A espécie *Ficus religiosa*, de origem indiana, onde é considerada árvore sagrada, é muito encontrada nas proximidades dos templos budistas. É do domínio da lenda que Buda passava horas repousando e meditando à sombra dessas árvores. Há quem acredite que as folhas de *Ficus religiosa* e não as de *Ficus carica*, cujos frutos frescos ou secos são tão apreciados na alimentação, serviram no passado para cobrirem o sexo dos homens. Talvez Adão, um dos principais personagens bíblicos, tenha usado uma folha de *Ficus* para tapar seu sexo após sua expulsão do paraíso.

No culto nagô, a *Ficus doliaria* Mart., popularmente conhecida como gameleira, por ser macia e utilizada na confecção de gamelas e de canoas artesanais, é uma planta sagrada e sua copa é considerada excelente local para se deixar oferendas aos orixás. Figura freqüente nos cultos afro-brasileiros, nas quais é conhecida como irókò, é um tipo de planta-deus na fitolatria fetichista. Muitas mães-de-santo impedem que as gameleiras sejam derrubadas em terrenos que lhes pertençam, pois este sacrifício traz grandes infortúnios para muita gente. Já na Antigüidade a morte de uma figueira era pressentimento de mau agouro, e os antigos apressavam-se em substituir a árvore morta por outra.

O látex e as folhas de algumas figueiras do subgênero *Pharmacosycea* são usados na medicina popular para combater a verminose. O látex de *Ficus gomelleira*, por exemplo, tem, segundo Peckolt, propriedades anti-helmínticas. O látex dessa(s) figueira(s) é um suco leitoso de sabor acre bastante usado, em mistura com leite de vaca, usado pelo povo e mezinheiros como vermífugo. Por ser de ação drástica e irritante, é necessária muita cautela no emprego deste suco leitoso, principalmente às crianças.

Teodoro e Gustavo Peckolt desenvolveram depois da segunda metade do século XIX uma preparação farmacêutica com o látex de *Ficus gomelleira* = *Ficus doliaria*, que foi comercializada no Rio de Janeiro com o nome “Pó de Doliarina e Ferro”, um agente específico contra a opilação. Do látex de *Ficus doliaria*, Peckolt isolou uma substância que chamou de doliarina. Recentemente, de *Ficus gameleira*, espécie que cresce no estado do Pará, Arruda e cols. isolaram das folhas desta planta duas flavonas com estruturas até então inéditas.

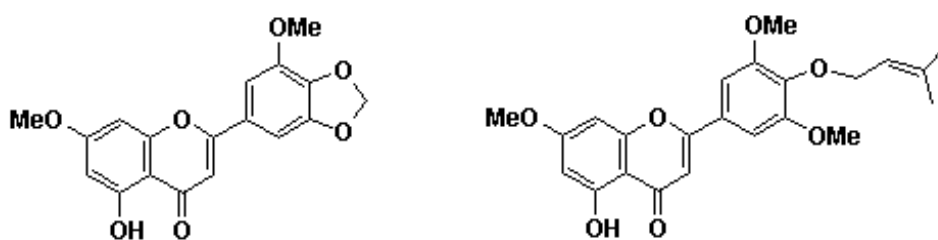
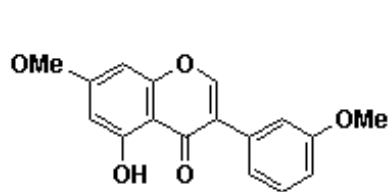
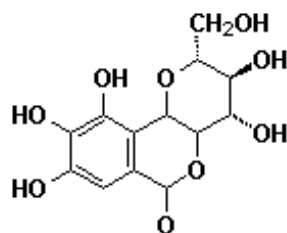


Figura 3 - Flavonas isoladas por Arruda e colaboradores.

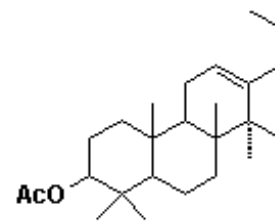
Estudos químicos vêm sendo realizados com espécies de *Ficus* e revelam a presença de furanocumarinas, lactonas, triterpenos, esteróis, flavonóides livres e glicosilados (algumas substâncias se encontram exemplificadas na figura 4). Alguns extratos de *Ficus* revelaram atividade bactericida (*F. sycomorus* L., *F. benjamina* L., *F. benghalensis* L., *F. religiosa* L. e *F. racemosa*), anti-inflamatória (*F. racemosa*) e gastrointestinal (*F. sur*), anti-helmíntica (*F. platyphylla*, *F. glabrata*).



7,4'-dimetoxi-5-hidroxi isoflavona
(*F. pumila*)



Bergenina
(*F. glomerata*)



Acetato de α -amirina
(*F. benghalensis*)

Figura 4 - Algumas substâncias encontradas em espécies de *Ficus*.

Bibliografia e Nota:

- . Jorge Pedro Pereira Carauta (1989). *Albertoa* 2, 1- 365.
- . Gustavo Peckolt (1922). *Revista da Flora Medicinal*, 333-341.
- . Evaldo de Oliveira (1952). *Revista Brasileira de Farmácia* 33, 131-142.
- . José Flávio Pessoa de Barros e Eduardo Napoleão (1999). *Ewé orisà. Uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jêje-nagô*. Berthrand Brasil. Rio de Janeiro. p.255-256.
- . Valmiro Rodrigues Vidal (1964) *Curiosidades*. 5º volume, 7ª edição, Ed. Conquista, Rio de Janeiro, 174.
- . B. Ernani Diaz e J. P. P. Carauta (2001). *Albertoa* 5, 29-36.
- . Karen Polinger Foster. "The Earliest Zoos and Gardens" (1999). *Scientific American*, 48-55.
- . Meira Pena (1945). *Botânica Pitoresca* Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, Brasil.
- Daniel F. Amaral, Mara S. P. Arruda, Adolfo H. Müller, Luna L. J. Pantoja, Tânia M. S. Lima. (2001). *Journal of Brazilian Chemical Society*, 12(4), 538-541.
- . J. M. C. Vellozo(1829). *Flora Fluminensis. Fluminis Januaric*, Ed. Arabica. 1-352.
- . Saint-Hilaire (1938). "Viagens pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais". Traduzido por C. R. Lessa. *Brasiliana*, 5(126), 1-7.

1. Opilação - obstrução do fígado e outros órgãos, ancilostomíase (espécie de anemia profunda), amarelão. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* O Globo, Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft, F. Marques Guimarães. Ed. Globo S/A, 30ª Ed., São Paulo, 1993.

Figura 2 - *Ficus religiosa* (<http://waynesword.palomar.edu/ww0501.htm>)